



Renato dos Anjos/AE

Maluf, Aureliano, Brizola (E), Afif e Freire (D), nos estúdios da Rede Bandeirantes: buzinas, interrupções e fórmulas mágicas para aumentar salários e distribuir renda

Candidatos testam desempenho na TV

Na Bandeirantes, os
presenciáveis falam
dos planos de governo
entre gafes e escorregões

MARA ZIRAVELLO
E PATRICIA ZAIDAN

O candidato do PDT, Léonel Brizola, foi o campeão do debate realizado na noite de segunda-feira pela Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão: estourou 14 vezes seu tempo de respostas. Mas não conquistou a liderança absoluta, seguido bem de perto por Paulo Maluf, do PDS, interrompido 11 vezes pela campainha. O único apelo, porém, para que o tempo fosse prolongado partiu de Aureliano Chaves (PFL): "Por favor, não me interrompa", pediu o candidato para a mediadora Marília Gabriela. "Você mais parece uma professora querendo me enquadrar", comentou. Aureliano foi buzinado sete vezes.

Logo no começo, cada candidato — entre eles Roberto Freire (PCB) e Guilherme Afif Domingos (PL) — mostrou que

conhece uma poção mágica capaz de resolver a questão salarial sem comprometer o combate à inflação. Cada qual a seu estilo, todos garantem uma melhor distribuição de renda. Reanimados, desde o primeiro intervalo comercial com salgadinhos, chocolates e refrigerantes, os presenciáveis elegeram seus principais adversários dentro do encontro.

Agarrado ao programa do partido, Afif escolheu Brizola, no bloco em que candidato perguntava a outro concorrente. Discursou sobre os impostos embutidos nos preços de alimentos e questionou: "Como o senhor contempla isso em seu plano de governo?" Em sua resposta, Brizola não esclareceu como pretende incentivar o setor agrícola — mas deixou bem claro que não tem plano de governo. Mais tarde o tema serviria de novo entrave para os dois: Brizola escolheu Afif.

"Acho demagogo apresentar-se como candidato sem ter programa", rebateu o candidato do PL, mostrando o livro com a plataforma do partido, como quem oferece uma nova pasta de dente. "Esse não me serve", interrompeu Brizola. "É tecnocrata e demagógico."

Freire e Maluf formaram a outra dupla de destaque. Influenciado pela perestroika, entre um e outro gole de coca-cola, o único candidato comunista perguntou ao presenciável do PDS se ele era favorável a manter privatizadas a saúde e a educação no Brasil. Maluf fez um longo discurso para responder sim. "Continua privatista e radical. Participou do regime que

mais privatizou neste País", retrucou Freire. Maluf quis fazer retificações: "Quero corrigir que não fui do regime militar. Fui contra".

Mas os melhores pontos Freire marcou contra Brizola. Um dos jornalistas da Bandeirantes perguntou ao candidato comunista quem provocava a luta de bandos, referindo-se aos recentes tumultos ocorridos en-

tre brizolistas e adeptos da candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN), em Niterói. "Espero que nenhum dos dois", respondeu Freire. "Bandos levam ao retrocesso, criam restrições no processo democrático", concluiu.

Brizola teve de comentar: "Lamento que tenha sido tão perestroika e não tenha sabido fazer julgamento do que está aí". "Não tem de lamentar nada", replicou Freire. "Não sou advogado de ninguém. Nem podia esperar que eu acusasse um dos grupos. Em momento algum devemos apoiar ou incentivar a violência." Brizola não gostou — mas se calou.

Aureliano foi o convidado mais poupado da noite. Atento às regras do debate, preparou-se com uma infinidade de números e concordou com Brizola em duas oportunidades: nas críticas à Rede Globo (veja quadro abaixo) e no intervalo mais adequado para ir ao banheiro.

As mesmas regras vão guiar os próximos debates, para os quais todos os candidatos já foram convidados, e aceitaram. Entre eles, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

TENSÃO

Muitas vezes, os assessores mostravam-se mais tensos que

os candidatos por eles orientados. O deputado Roberto D'Ávila (PDT), jornalista íntimo do vídeo, enrolava e mordida a gravata sempre que a palavra era cedida a Brizola. Vera Sampaio, na primeira fileira do auditório, apertou com força os lábios ao ver Afif Domingos juntar as mãos como se fosse iniciar uma prece: não era bem isso que ela havia recomendado.

Na hora do intervalo, os assessores de marketing e comunicação corriam para o palco com novas instruções — sempre cochichadas. O time de retaguarda de Aureliano preocupava-se em enxugar-lhe o suor. Maluf tinha três ao seu ouvido sussurrando sugestões. "Relaxe os músculos da face, sorria, demonstre tranquilidade", aconselhou o ator Ricardo Petraglia, ex-simpatizante do PC do B que agora desembarcou, com o cabelo amarrado num rabo-de-cavalo na campanha do pedessista. "Nós não alertamos para o que é preciso dizer", afirmou Enio Pesce, orientador de Maluf. "Apenas sugerimos falar olhando abaixo da câmera, evitando o tom alto e o queixo erguido", completou, ao lado do outro assessor, Carlos Brickman.

Diário da campanha



O susto
Com o cofre da campanha em baixa e acostumado a viajar em aviões de carreira, o presenciável do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, foi surpreendido na sexta-feira com uma oferta para colher votos aéreos. Durante o voo 348, de Maceió para São Paulo, Lula foi saudado pelo comandante Castro que, pela terceira vez, viajava com o candidato. "Se quiser fazer um discurso a bordo eu autorizo", informou o comandante. O presenciável, porém, preferiu continuar calado.



A esperança
O candidato do PCB, Roberto Freire, provou ontem no Rio de Janeiro que comunista pode se entender muito bem com crianças. Depois de participar de um debate com 800 adolescentes, de três colégios cariocas, todos com idade entre 15 e 18 anos, Freire foi cercado por um grupo de crianças. O presenciável distribuiu abraços e autógrafos, saiu da festa sem contabilizar muitos votos, mas aposta na eleição de 94, quando a meninada de hoje virar eleitor.